

INFERIOR

ANGELA SAINI

Tradução de Cátia Trincheiras

 **DESASSOSSEGO**
LIVROS PARA PENSAR

Para os meus rapazes, Mukul e Aneurin

ÍNDICE

Introdução	11
1: A inferioridade da mulher em relação ao homem	25
2: As mulheres adoecem com mais gravidade mas os homens morrem com mais facilidade	43
3: Uma diferença à nascença	67
4: Os cento e quarenta gramas em falta no cérebro feminino ...	95
5: O trabalho das mulheres	119
6: Picuinhas, não pudicas	147
7: Porque é que os homens dominam	169
8: A mulher velha que não morria	189
Epílogo	211
Agradecimentos	217
Referências	219
Índice Remissivo	241

INTRODUÇÃO

Durante séculos, os partidos com poder de decisão relativamente a assuntos importantes têm sido influenciados por cientistas. Estes assuntos incluem a legalidade do aborto, o direito das mulheres ao voto ou como devemos ser educadas nas escolas. Tais decisões determinam a forma como vemos as nossas mentes e os nossos corpos, assim como a forma como nos relacionamos uns com os outros. Obviamente, confiamos que os cientistas nos dão factos objetivos. Acreditamos que a Ciência oferece uma história livre de preconceito. É a nossa História, desde o começo da evolução.

No entanto, naquilo que diz respeito às mulheres, há muitas coisas nesta história que estão erradas.

Eu devia ter cerca de dezasseis anos, estava no campo de futebol da minha escola no sudeste londrino a ver um foguete caseiro a zarpar pelo céu. Nesse dia, estava uma tarde de sábado soalheira. Eu tinha sido eleita presidente do primeiro clube de ciência da minha escola recentemente e, no meu entusiasmo de *nerd*, decidi organizar um dia para construção de pequenos foguetes. Seria divertido poder lançá-los mais tarde, para mim não havia diversão melhor. Na noite anterior certifiquei-me de que tinha materiais suficientes para as multidões que iriam participar no evento, estava certa de que muitas pessoas viriam.

Não me devia ter preocupado de todo. No dia, eu fui a única pessoa a comparecer. O Sr. Easterbrook, o meu professor de química, era um homem bom e ficou a ajudar-me de qualquer forma.

Se eras um *nerd* em criança, saberás o quão solitário pode ser. Se eras uma rapariga *nerd* em criança, saberás que é ainda mais solitário. No sexto ano, na minha turma de química de oito alunos, eu era a única rapariga. Em matemática éramos doze e eu também era a única rapariga na turma. E uns anos mais tarde, quando decidi tirar o curso de engenharia na universidade, deparei-me com uma turma de nove pessoas onde, mais uma vez, eu era a única mulher.

Desde então, as coisas não mudaram muito. Estatísticas recolhidas pela Women's Engineering Society em 2016 mostram que as mulheres constituem apenas 9 por cento da força de engenharia do Reino Unido e que, dos estudantes universitários de engenharia do Reino Unido, apenas 15 por cento são mulheres. Membros da WISE, uma campanha do Reino Unido que promove a presença de mulheres na Ciência, Engenharia e Tecnologia, revelaram que, em 2015, as mulheres constituíam apenas 14 por cento da força laboral nas respetivas áreas. De acordo com a Fundação Nacional da Ciência, uma agência governamental nos Estados Unidos, as mulheres continuam a não ser devidamente representadas em Engenharia, Física e Matemática ainda que constituam metade da força laboral do setor científico.

Quando me deparei sozinha naquele campo de futebol, com os meus dezasseis anos, não conseguia perceber o porquê. Eu tinha três irmãs em casa, todas dotadas em matemática. Na minha escola, as raparigas andavam de par em par com os rapazes no que dizia respeito a feitos académicos. De acordo com a Women's Engineering Society, no ensino secundário britânico, não há grande diferença entre os sexos no que toca à composição das turmas e conquistas académicas nas disciplinas de ciência e matemática. Verdade seja dita, presentemente as raparigas têm uma maior probabilidade de conseguir notas mais altas que os rapazes nestas disciplinas. Nos Estados Unidos, desde 1990, as mulheres conquistaram cerca de metade dos diplomas universitários nos cursos de Engenharia e Ciência.

Ainda assim, à medida que vão envelhecendo, cada vez menos mulheres dão continuidade ao trabalho na área da Ciência. No topo, são uma minoria visível. E este padrão é perceptível desde o início dos tempos. Entre 1901 e 2016, das 911 pessoas condecoradas com um Prémio Nobel apenas quarenta e oito eram mulheres. Destas quarenta e oito, dezasseis foram galardoadas com o Nobel da Paz e catorze com o Nobel da Literatura. A Medalha Fields, a maior honra mundial no setor matemático, só foi atribuída a uma mulher. Esse privilégio foi concedido à iraniana Maryam Mirzakhani em 2014.

Em janeiro de 2015, uns anos após ter terminado a faculdade, o presidente da Universidade de Harvard, o economista Lawrence Summers, deu voz a uma explicação controversa que justifica esta lacuna. Numa conferência

privada, ele sugeriu que a «verdade lamentável» que explica porque é que existem tão poucas mulheres cientistas em carreiras de topo nas universidades de elite se deve de alguma forma a «problemas intrínsecos de capacidades». Por outras palavras, ele insinuou que existe uma diferença biológica entre os homens e as mulheres. Ele foi apoiado por alguns académicos, mas a grande maioria considerou a afirmação de Summers um verdadeiro ultraje. Este anunciou a sua demissão um ano após o sucedido.

Contudo, sempre foi possível ouvir umas dúvidas segredadas.

Summers pode ter tido coragem de o dizer, mas quantas pessoas não o pensaram? Que pode, de facto, existir alguma diferença fundamental entre os sexos que nos separa. Que o cérebro feminino pode ser substancialmente diferente do cérebro masculino, explicando o facto de existirem tão poucas mulheres em carreiras de topo na área da Ciência. Essa incerteza abafada é o tema que este livro explora. A interrogação que paira nas nossas mentes, que questiona a possibilidade de que as mulheres poderão estar destinadas a nunca conseguir atingir a igualdade com os homens simplesmente porque os seus corpos e mentes não têm essa capacidade.

Mesmo nos dias que correm, criamos fantasias para os nossos bebés em azul ou em cor-de-rosa. Compramos carrinhos para os nossos filhos, bonecas para as nossas filhas e ficamos absolutamente deliciados quando eles gostam dos seus brinquedos. Estas escolhas precoces refletem a nossa crença de que existe uma diferença biológica entre os sexos, o que pode possivelmente moldar-nos para assumir papéis completamente diferentes na sociedade. As nossas relações são guiadas pela crença de que os homens são mais promíscuos e as mulheres mais monógamas. O nosso passado está repleto de mitos e visões semelhantes. Quando visualizamos os primeiros humanos, imaginamos homens poderosos a vaguear pela imensidão da floresta à caça de comida enquanto as mulheres, seres mais frágeis, ficam para trás a alimentar a fogueira e a cuidar das crianças. Chegamos até a considerar que os homens podem ser o sexo predominante visto que são fisicamente maiores e mais fortes.

Na nossa busca para nos compreendermos a nós próprios e para melhor distinguir entre factos e ficção, recorreremos à Biologia. Acreditamos que é a Ciência que tem o poder para iluminar a escuridão que assombra a nossa dúvida. Uma dúvida que se recusa a desaparecer, independentemente do número de leis promotoras de igualdade aprovadas e postas em vigor. A sensação de que não somos iguais. De que, de facto, a nossa biologia pode até explicar a desigualdade entre os sexos que tem existido, e continua a existir, por todo o mundo.

Isto é território perigoso, por razões óbvias. Os feministas, em particular,

defendem avidamente que não devemos permitir que a nossa biologia determine como vivemos. Muitos acreditam que aquilo que a Ciência tem a dizer nem sequer devia ser considerado quando se trata da batalha por direitos fundamentais. Os feministas defendem que todas as pessoas têm direito a estar no mesmo patamar — e eles têm razão. Mas ainda assim, não podemos simplesmente ignorar a Biologia. Querer saber se existem diferenças entre os sexos é mais forte que nós. Mas, mais do que isso, se queremos construir uma sociedade mais justa, temos de conseguir entender todas essas diferenças para as podermos ter em consideração.

O problema é que as respostas da Ciência nem sempre são o que parecem ser. Quando nos apoiamos nos cientistas para obter respostas, assumimos que eles vão ser imparciais. Assumimos que o método científico tem de ser imparcial e não pode desfavorecer as mulheres. Mas estamos errados. Para poder entender porque é que esta parcialidade existe, é crucial completar o *puzzle* que explica o porquê de haver tão poucas mulheres em áreas científicas. Não porque nos diz algo acerca da capacidade das mulheres, mas porque explica porque é que a Ciência não conseguiu desvincular-se dos estereótipos de género e dos mitos perigosos aos quais continuamos expostos há séculos. Durante grande parte da nossa História, as mulheres têm sido tratadas como intelectualmente inferiores e deliberadamente excluídas da área da Ciência. Essa é a razão pela qual as mulheres estão tão subrepresentadas na área da Ciência moderna. Portanto, não é surpreendente que a Ciência e os seus cientistas tenham criado uma imagem distorcida do sexo feminino. E isso, por outro lado, alterou o curso da Ciência e até mesmo aquilo que é dito nos dias que correm.

Quando me deparei sozinha naquele campo de futebol, com dezasseis anos, a lançar foguetes pelo ar, estava apaixonada pela Ciência. Pensava que a Ciência era um mundo de respostas claras, intocadas por subjetividade ou preconceito. Um mundo de racionalidade isento de parcialidades. Nessa altura, eu não conseguia perceber que a razão de eu estar sozinha nesse dia devia-se ao facto de que o mundo da Ciência não é o que eu pensava.

Num estudo publicado em 2012, a psicóloga Corinne Moss-Racusin e uma equipa de investigação da Universidade de Yale exploraram o problema da parcialidade na Ciência, conduzindo um estudo onde pediram a mais de cem cientistas para analisarem um currículo submetido por um candidato para o cargo de gerente de laboratório. Os currículos eram todos iguais à exceção do nome, metade tinha um nome masculino e a outra metade tinha um nome feminino.

Quando lhes foi pedido para partilharem as suas opiniões relativamente ao suposto potencial candidato, os cientistas classificaram os currículos com nomes femininos como sendo menos competentes ou contratáveis. Adicionalmente, consideravam-se menos disponíveis para as orientar e ofereceram salários mais baixos. Curiosamente, os autores incluíram no artigo, que apareceu na revista científica *Proceedings of the National Academy of Sciences*: «O sexo dos cientistas que participaram do estudo não afetou as suas respostas, tanto os participantes do sexo feminino como os do sexo masculino exibiram preconceito para com os candidatos do sexo feminino.» Os seus resultados sugeriram que o preconceito está tão enraizado na cultura da Ciência que até mesmo as mulheres discriminam outras mulheres.

O sexismo não é apenas uma ação que os homens cometem contra as mulheres. Pode estar enraizado nos alicerces de um sistema. E, na Ciência moderna, os alicerces do sistema têm sido sempre homens. A UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que mantém registos das mulheres na área científica, estima que em 2013 pouco mais de um quarto de todos os investigadores do mundo eram mulheres. Na América do Norte e na Europa Ocidental a estimativa é de 32 por cento. Na Etiópia é de apenas 13 por cento.

Geralmente, as mulheres estão presentes em números elevados a um nível universitário, mas vão desaparecendo à medida que vão subindo na carreira profissional. Isto pode ser explicado, pelo menos em parte, pelo perpétuo problema dos cuidados infantis que arranca as mulheres dos seus trabalhos enquanto os seus colegas homens estão a trabalhar mais horas e a serem promovidos. Em 2013, os investigadores americanos Mary Ann Mason, Nicholas Wolfinger e Marc Goulden publicaram um livro sobre este tema com o título *Do Babies Matter?: Gender and Family in the Ivory Tower*. Descobriram que, nos Estados Unidos, mulheres casadas que sejam mães de filhos pequenos têm menos um terço de probabilidade de conseguir posições de efetivas do que homens casados que sejam pais de filhos pequenos. Isto não se deve à falta de talento por parte das mulheres. Mulheres não casadas e sem filhos têm mais 4 por cento de probabilidade de conseguirem estes trabalhos relativamente a homens não casados e sem filhos.

O Bureau of Labor Statistics dos Estados Unidos faz um Estudo Anual da População para determinar como as pessoas escolhem passar o seu tempo. Ainda que as mulheres constituam metade da força laboral americana, em 2014, a agência de estatísticas descobriu que as mulheres passam, em média, mais meia hora por dia a fazer tarefas domésticas do que os homens. Num dia normal, um quinto dos homens dedica-se a tarefas domésticas

comparativamente com quase metade das mulheres. Em agregados familiares com crianças com idade inferior a seis anos, os homens passam menos de metade do tempo a tomar conta das crianças comparados com as mulheres. Por outro lado, no emprego, os homens trabalham mais cinquenta e dois minutos por dia comparados com as mulheres.

Estas discrepâncias explicam, em parte, o porquê de o meio de trabalho funcionar da forma que funciona. Um homem que consiga dedicar mais tempo ao escritório ou laboratório será naturalmente mais bem-sucedido na sua carreira do que uma mulher que não consegue fazer o mesmo. E quando é necessário decidir quem vai tirar licença de maternidade ou paternidade são quase sempre as mães que o fazem.

Pequenas escolhas individuais, multiplicadas por milhões de agregados familiares, podem ter um impacto enorme na imagem da sociedade. O Institute for Women's Policy Research, nos Estados Unidos, estima que em 2015 uma mulher que trabalhou a tempo inteiro recebeu setenta cêntimos por cada dólar que um homem recebeu. No Reino Unido, o Ato de Igualdade de Pagamento entrou em vigor em 1970. Mas hoje em dia, ainda que o número esteja a baixar, o Departamento de Estatísticas Nacionais afirma que ainda existe uma diferença de mais de 18 por cento. Nos setores científicos e técnicos, esta diferença é ainda maior, com um valor de 24 por cento. Dados analisados pela revista *Times Higher Education* em 2016 mostra que as mulheres em universidades britânicas com contratos académicos a tempo inteiro ganham menos cerca de 11 por cento do que os seus colegas do sexo masculino.

Tarefas domésticas e maternidade não são os únicos fatores que afetam o equilíbrio entre os sexos. Também existe sexismo absoluto. Um estudo publicado em 2016 na maior revista científica do mundo, a *PLOS ONE*, analisou como os alunos de Biologia do sexo masculino avaliam as suas colegas do sexo feminino. Dan Grunspan, antropólogo cultural, juntamente com a bióloga Sarah Eddy e os seus colegas perguntaram a centenas de alunos da Universidade de Washington o que eles achavam do desempenho dos outros membros da sua turma. «Os resultados revelam que existe uma maior probabilidade de os homens serem destacados pelos seus colegas como sendo mais conhecedores no que diz respeito às matérias lecionadas», escreveram eles. Isto não refletia a realidade. As notas dos homens foram sobrestimadas — por homens — por cerca de 0,57 pontos numa escala cujo valor máximo é quatro. As alunas do sexo feminino não mostraram o mesmo favoritismo de género.

No ano anterior, a *PLOS ONE* tinha sido obrigada a emitir um pedido de desculpas após um dos seus revisores paritários ter sugerido que duas geneticistas evolutivas do sexo feminino, autoras de um artigo científico,

adicionassem um ou dois coautores masculinos ao mesmo. «Talvez não seja surpreendente que, em média, estudantes de doutoramento do sexo masculino sejam coautores em mais um artigo do que estudantes de doutoramento do sexo feminino, da mesma forma que, em média, estudantes de doutoramento do sexo masculino conseguem, muito provavelmente, correr um quilómetro e meio mais rapidamente que as estudantes de doutoramento do sexo feminino», escreveu o revisor.

Outro problema, cuja extensão ainda mal veio à superfície, é o assédio sexual. Em 2015, o investigador de vírus Michael Katze foi banido de entrar no laboratório que geria na Universidade de Washington após uma série de queixas, que incluíam o assédio sexual de pelo menos duas funcionárias. A BuzzFeed News (que Katze tentou processar a fim de impedir a libertação de documentos) escreveu um relato longo da investigação subsequente, revelando que ele tinha contratado uma funcionária «sob a condição implícita de que esta se sujeitasse às suas demandas sexuais».

O seu caso não foi a exceção à regra. Em 2016, o Instituto de Tecnologia da Califórnia em Pasadena suspendeu um professor de astrofísica teórica, Christian Ott, por assediar alunas. No mesmo ano, duas alunas na Universidade da Califórnia em Berkeley apresentaram queixa contra o professor auxiliar Blake Wentworth que, segundo elas, as assediou sexualmente por várias vezes e chegou a tocar-lhes em sítios inapropriados. Isto foi pouco depois de um astrónomo proeminente da mesma universidade, Geoff Marcy, ter sido considerado culpado de assediar sexualmente várias mulheres durante muitos anos.

Portanto, em todas as estatísticas sobre tarefas domésticas, gravidezes, cuidados infantis, falta de imparcialidade entre os sexos e assédio, conseguimos encontrar algumas explicações para o número reduzido de mulheres em carreiras de topo nos setores da Ciência e da Engenharia. Em vez de cair na armadilha de Lawrence Summers e assumir que o mundo é como é porque essa é a ordem natural das coisas, vamos voltar atrás. A razão para esta disparidade entre os sexos na área da Ciência deve-se, pelo menos em parte, ao facto de que as mulheres encontram uma imensidão de pressões ao longo das suas vidas que os homens normalmente não encontram.

Por muito sombrio que o cenário criado em alguns lugares e setores seja, as estatísticas também revelam exceções. Em algumas disciplinas, a nível universitário e no local de trabalho, as mulheres são mais numerosas que os homens. Tendencialmente, existem mais mulheres do que homens a estudar Ciências da Vida e Psicologia. E em algumas regiões, as mulheres são muito mais bem representadas no geral, o que sugere que a cultura também é um

fator a considerar. Na Bolívia, as mulheres constituem 63 por cento dos investigadores científicos. Na Ásia Central, constituem quase metade. Na Índia, de onde vêm as raízes da minha família (o meu pai estudou lá Engenharia), as mulheres constituem um terço de todos os alunos em cursos de Engenharia. De forma semelhante, no Irão, existem proporções altas de cientistas e engenheiros do sexo feminino. Se as mulheres fossem realmente menos capazes de estudar e aplicar as Ciências do que os homens, não veríamos estas variações — o que prova, mais uma vez, que a história é mais complicada do que parece.

E como em todas as histórias, voltar ao início ajuda sempre. Desde os primeiros dias, a Ciência tem tratado as mulheres como intelectualmente inferiores aos homens.

«Durante quase trezentos anos, a única presença permanente do sexo feminino na Royal Society era um esqueleto preservado na coleção anatômica da sociedade», escreve Londa Schiebinger, professora de História da Ciência na Universidade de Stanford e autora de *The Mind Has No Sex?: Women in the Origins of Modern Science*.

A Royal Society, fundada em Londres em 1660 e uma das mais antigas instituições científicas do mundo, só concedeu afiliação total a uma mulher em 1945. Também foi preciso chegar a meio do século xx para que as academias científicas de prestígio em Berlim e Paris elegessem mulheres como membros pela primeira vez. Estas academias europeias foram o berço da Ciência moderna. Fundadas nos séculos xvi e xvii, serviram como fóruns para os cientistas se juntarem e partilharem ideias. Mais tarde, começaram a conceder honras, incluindo afiliações. Nos dias que correm, estas academias também oferecem conselhos a organizações governamentais sobre políticas relacionadas com a Ciência. Ainda assim, durante grande parte da sua História, as mulheres foram excluídas deste processo.

As coisas conseguiram ficar piores antes de melhorarem. No começo, quando a Ciência não passava de um *hobbie* para amadores entusiastas, as mulheres conseguiam ter algum acesso, nem que fosse ao casarem com um cientista rico que lhes permitisse trabalhar no laboratório dele. No final do século xix, a Ciência havia sido transformada em algo muito mais sério, com regras específicas e entidades oficiais. Segundo Kimberly Hamlin, historiadora na Universidade de Miami, as mulheres dessa época foram completamente postas de parte: «O sexismo da Ciência coincidiu com a profissionalização da Ciência. As mulheres tinham cada vez menos acesso.»

A discriminação não aconteceu apenas no topo da hierarquia da Ciência.

Até ao século xx, não era de todo comum permitir que uma mulher entrasse numa universidade ou conseguisse uma formação universitária. «Desde o seu começo, as universidades europeias sempre tiveram, em teoria, as portas fechadas às mulheres», escreve Londa Schiebinger. Elas foram concebidas para preparar os homens para carreiras em teologia, direito, governo e medicina, profissões que eram interditas a mulheres. Os médicos defendiam que o desgaste mental provocado por uma educação universitária poderia retirar demasiada energia do sistema reprodutivo da mulher, prejudicando a sua fertilidade.

Também era crença comum que o simples facto de colocar mulheres nesses setores iria perturbar o importante trabalho intelectual dos homens. A tradição do celibato masculino dos mosteiros medievais foi continuada nas Universidades de Oxford e Cambridge até finais do século xix. Os professores não tinham permissão para casar. Em Cambridge, só em 1947 é que passou a ser permitido conceder a uma mulher um diploma universitário equivalente ao de um homem. Da mesma forma, a Escola de Medicina de Harvard só abriu as portas a mulheres em 1945, quase um século após a primeira candidatura de uma mulher à instituição.

Isto não quer dizer que não existiam cientistas do sexo feminino. Elas existiam. Muitas até conseguiram ser relativamente bem-sucedidas face às adversidades. No entanto, eram maioritariamente tratadas como intrusas. O exemplo mais conhecido é o de Marie Curie, que foi a primeira pessoa a receber dois Prémios Nobel. Mas, ainda assim, foi impedida de se afiliar na Academia Francesa de Ciências em 1911 por ser mulher.

Existem muitos outros casos que não são tão conhecidos. No início do século xx, a bióloga americana Nettie Maria Stevens foi um elemento-chave na descoberta dos cromossomas que determinam o sexo, mas as suas contribuições foram ignoradas pela História. Quando a matemática alemã Emmy Noether foi contratada como professora na Universidade de Göttingen durante a Primeira Guerra Mundial, um professor queixou-se: «O que é que os nossos soldados vão pensar quando regressarem à universidade e souberem que vão ter de ser ensinados por uma mulher?» Noether deu aulas de forma não oficial durante os quatro anos seguintes, sob o nome de um colega do sexo masculino e sem receber um salário. Depois da sua morte, Albert Einstein descreveu-a no *New York Times* como: «o génio matemático criativo mais importante que já existiu desde que as mulheres passaram a ter acesso à educação superior».

Mesmo aquando da Segunda Guerra Mundial, em que havia mais universidades a abrir as portas a estudantes e professoras do sexo feminino, estas continuavam a ser tratadas como cidadãs de segunda classe. Em 1944, a física Lise Meitner não recebeu um Prémio Nobel apesar da sua contribuição

para a descoberta da fissão nuclear. A história da sua vida é uma lição sobre persistência. Enquanto crescia na Áustria, as meninas não tinham acesso à educação depois dos catorze anos. Para conseguir continuar a desenvolver a sua paixão pela Física, Meitner teve aulas com um tutor privado. Quando finalmente conseguiu um cargo na Universidade de Berlim como investigadora, foi-lhe concedida uma cave modesta onde podia trabalhar sem ter direito a remuneração. Não lhe era permitido subir as escadas para os níveis superiores onde os cientistas do sexo masculino trabalhavam.

Existem outras mulheres que, tal como Meitner, não receberam o reconhecimento que mereciam. O papel fundamental de Rosalind Franklin na descodificação do ADN foi completamente menosprezado quando James Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins partilharam um Prémio Nobel após a sua morte em 1962. Em 1974, o Nobel atribuído pela descoberta dos pulsares não foi entregue a Jocelyn Bell Burnell, a autora da grande descoberta, mas ao seu superior do sexo masculino.

Na História da Ciência, temos de ir à caça das mulheres — não porque elas não fossem capazes de elaborar pesquisas, mas porque durante grande parte do tempo não lhes foi dada a oportunidade de o fazer. Ainda vivemos com o legado de uma instituição que só agora está a começar a recuperar de séculos de exclusão e preconceito enraizados.

«Já mencionei que, por vezes, até as mentes masculinas mais brilhantes se tornam obtusas quando começam a falar de mulheres — existindo algo no tema do género que tolda até as mentes mais perspicazes», escreve Mari Ruti, professora de Teoria Crítica na Universidade de Toronto, no seu livro *The Age of Scientific Sexism* publicado em 2015.

Hoje, a diferença entre os sexos é um dos tópicos de maior interesse em investigação científica. Em 2013, um artigo do *New York Times* declarou que, desde a transição de milénio, as revistas científicas já publicaram mais de trinta mil artigos relacionados com o tema das diferenças entre os sexos. Diferenças de linguagem, relações, raciocínio, educação, capacidades físicas e capacidades mentais; nada foi deixado de parte nesta análise forense em busca das lacunas que separam homens e mulheres. E os artigos publicados parecem reforçar o mito de que essas lacunas são enormes.

Neste livro, analiso a pente fino alguns destes estudos e entrevisto as pessoas que os levaram a cabo. Este processo revelou um conjunto de temas e ideias que nos vai deixar a todos com perguntas a fazer. Alguns cientistas afirmam que as mulheres são, em média, piores do que os homens a

matemática, raciocínio espacial e tudo o que implique compreender como é que sistemas — tais como carros e computadores — funcionam, e isto é fundamentado no facto de que os cérebros femininos são estruturalmente diferentes dos masculinos. Há aqueles que insistem que os homens tiveram o papel principal na História da evolução do Homem porque caçavam animais, enquanto as mulheres, aparentemente, tinham o papel insignificante de ficar para trás e cuidar das crianças. Uma pessoa defende que os humanos evoluíram e chegaram ao nível de criatividade e inteligência que vemos hoje em dia devido às ações dos homens. Outra defende que as mulheres só enfrentam a menopausa porque os homens não acham as mulheres mais velhas atraentes.

Compreender os motivos que estão por trás de teorias como estas consegue ser complicado. Palavras que soariam absolutamente censuráveis quando proferidas numa festa podem parecer extraordinariamente plausíveis quando proferidas por alguém que enverga uma bata branca. Mas temos de ser desconfiados. Por exemplo, o estudo que leu no jornal que dizia que os homens são melhores que as mulheres a ler mapas ou a estacionar pode ser completamente desmentido por outro estudo, feito a outra população, que afirma que as mulheres são melhores que os homens a ler mapas ou a estacionar. A imagem magnífica de um cérebro não é bem a fotografia dos nossos pensamentos que diz ser. E, em alguns ramos da Ciência tais como a Psicologia Evolutiva, as teorias podem ser pouco mais do que narrativas constituídas por pequenos fragmentos de provas duvidosas.

Ocasionalmente, se os estudos parecem sexistas é porque o são. É impossível estar à espera que o preconceito profundo que manteve as mulheres fora da esfera da Ciência durante tanto tempo não afete as raízes e o crescimento da Ciência. Tanto no passado como nos dias que correm.

Mas esta não é a história toda.

A presença de mais mulheres na Ciência está a mudar a forma como a Ciência é conduzida. Perguntas que nunca foram colocadas estão a vir ao de cima. Suposições estão a ser postas em causa. Ideias antigas estão a dar lugar a ideias novas. Nas últimas décadas, a imagem distorcida e frequentemente negativa que foi pintada das mulheres no passado tem sido fortemente testada por investigadores — grande parte são mulheres, mas alguns são homens — que a têm considerado repleta de falhas. E este novo retrato revela os humanos de uma forma completamente nova.

Hoje, longe da enchente de investigações questionáveis sobre diferenças entre os sexos, conseguimos ter uma perceção radicalmente diferente acerca das mentes e corpos das mulheres. Por exemplo, novas investigações sobre o

tema sugerem que as pequenas lacunas encontradas que diferenciam o cérebro da mulher do do homem são puramente uma consequência do facto de que somos todos únicos. Décadas de estudos rigorosos feitos em rapazes e raparigas confirmam que existem poucas diferenças psicológicas entre os sexos e que aquelas diferenças que são visíveis são um produto da cultura e não da biologia. Pesquisas efetuadas para analisar o nosso passado em termos de evolução mostram que a dominância e patriarcalismo do homem não estão enraizados na biologia da sociedade como alguns creem; pelo contrário, mostram que já fomos uma espécie igualitarista. Até mesmo o mito antigo de que as mulheres são menos promíscuas que os homens já foi atirado pela janela. Também aqui, a sociedade tem um papel bem mais importante que a biologia.

Isto está bem documentado, todo este trabalho cuidadoso que põe em causa as ideias tradicionais sobre o que significa ser uma mulher. A imagem não representa alguém que é fraco ou subserviente. A mulher não é menos capaz de atingir grandes feitos científicos nem é definida pelos adjetivos paternalistas que têm sido usados para a destacar dos homens como um membro do sexo mais honesto e gentil. Esta mulher é forte, tática e tão inteligente como qualquer outra pessoa.

É um conjunto de temas e ideias científicas convincente que, em vez de afastar os sexos ainda mais nesta guerra dos géneros, afirma a importância da igualdade sexual. Puxa-nos para mais perto uns dos outros.

Quando eu estava a promover o meu primeiro livro, *Geek Nation*, fui a Sheffield dar uma palestra. No fim, um homem baixo de meia-idade veio fazer-me umas perguntas em privado.

«Onde estão as mulheres cientistas? Onde estão as vencedoras de Prémios Nobel?», perguntou ele num tom sarcástico. «As mulheres, pura e simplesmente, não são tão boas a ciências como os homens. Já foi demonstrado que elas são menos inteligentes.» Ele foi-se aproximando da minha cara de tal forma que acabei encostada a um canto. Mencionei todas as cientistas aclamadas do sexo feminino que conhecia. Ainda referi rapidamente umas estatísticas sobre raparigas que têm resultados melhores que os rapazes a matemática em várias escolas. Por fim, desisti. Não havia nada que eu pudesse dizer que fizesse com que ele deixasse de me considerar inferior a ele.

Quantas de nós já conhecemos homens como ele? O patrão machista. O namorado chauvinista. O idiota da Internet. O que eu gostava de ter tido era um arsenal de factos científicos para lhes mostrar como estavam

errados. Para reforçar o facto de que a igualdade não é apenas um ideal político, é o direito natural e biológico de todas as mulheres.

Para todas aquelas que já viveram situações semelhantes como a que eu vivi em Sheffield, aquele confronto agressivo com a pessoa que lhe diz que as mulheres são inferiores aos homens e a mesma tentativa desesperada de não perder o controlo mas ter alguns factos sólidos à mão e os conhecimentos históricos para os explicar, este livro é para si. Ao longo deste livro, eu retrato as várias fases da vida de uma mulher, desde a nascença até à vida profissional, maternidade e menopausa, em idade mais avançada. Tudo isto para interrogar aquilo que a Ciência nos diz e as controvérsias acerca daquilo que permanece incerto.

Apesar das minhas experiências pessoais, não comecei a escrever este livro com o objetivo de defender nenhum ponto de vista em particular. Como jornalista, tenho o dever de constatar e partilhar factos reais. Como alguém com antecedentes académicos em Ciência e Engenharia, queria compreender melhor as pesquisas efetuadas para explorar o tema. Os estudos que analiso relacionam-se com áreas como a Neurociência, a Psicologia, a Medicina, a Antropologia e a Biologia Evolutiva. Ao analisar pesquisas que vão desde o século XIX até aos dias de hoje, tentei descobrir porque é que tantas coisas que consideramos como verdades não são fidedignas. Investigo estudos que apareceram em cabeçalhos de revistas; estudos que insinuam que os estereótipos relacionados com as mulheres são apoiados pela Ciência. E, ao mesmo tempo, exploro o poderoso novo retrato da mulher, que é bem diferente do antigo.

Isto não quer dizer que a leitura deste livro possa ser considerada confortável. Muitas vezes, os factos são mais cinzentos do que gostaríamos. A investigação nem sempre nos diz aquilo que queremos ouvir. Ainda assim, este livro reconta as provas e os debates na sua presente forma e narra a história da angustiante batalha científica em busca do coração e da alma da mulher.

Para mim, esta batalha representa a derradeira batalha pelo feminismo. Tem o potencial de deitar abaixo a maior barreira que ainda se coloca entre as mulheres e a igualdade total — a barreira das nossas mentes. Tal como a antropóloga Kristen Hawkes, da Universidade do Utah, me disse quando a entrevistei sobre o seu trabalho relacionado com a menopausa para o capítulo final deste livro: «Se estás mesmo a prestar atenção à biologia, como é que podes não te considerar uma feminista? Se fores uma verdadeira feminista e quiseres entender a raiz destes problemas e de onde eles vêm, então é na biologia que vais encontrar as respostas — mais ciência em vez de menos ciência.»